

RESENHAS

Resenha: Michel Maffesoli e a sociologia compreensiva das emoções

Ednei de Genaro

MAFFESOLI, Michel. 2007. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução de Clóvis Marques, Rio de Janeiro: Record, 224p.

Pensar a sociologia com Maffesoli é sempre um grande desafio. Um desafio no sentido de compreender novas atitudes reflexivas e mudanças epistemológicas na lógica societal. Não é por menos que um dos axiomas de Maffesoli seja: “pensar só interessa quando é perigoso” (2007, p. 13). Dentre as recentes (e prolíferas) publicações do autor¹, o livro

“*O ritmo da vida*” representa um longo percurso às multiplicidades de interesses intelectuais deste autor pós-moderno. Pós-moderno, sem dúvida, pois com ele adentramos, por exemplo: no interesse pela sociologia das emoções contemporâneas e pela hermenêutica do cotidiano que busquem o resgate do ‘valor da vida’ em detrimento da *secura utilitária* dos *cientificismos*; na arte heterodóxica do pensar; e na fuga de modelos e moralismos sectários que

Maffesoli esperam também por uma resenha acadêmica para apresentação maior ao público, são eles: “*Apocalipse: opinião pública e opinião publicada*” (Sulina, 2010); “*A república dos bons sentimentos*” (Iluminuras, 2009); “*O conhecimento comum*” (Sulina, 2007).

¹ Rapidamente traduzido no Brasil, outros recentes livros de

permearam o discurso sociológico.

Ao pensar as emoções, Maffesoli ruma a uma sociologia compreensiva da pós-modernidade. Obra que prima pela argúcia e erudição, “O ritmo da vida” se desdobra, insaciavelmente, em um argumento sociológico central: *nas sociedades contemporâneas, não é o indivíduo racional puro que triunfa, mas sim um indivíduo moldado por ligações grupais.* Muito embora já apresentado este entendimento em outras obras suas – como a mais conhecida, “O tempo das tribos” (1998) –, quer ser um refinamento das implicações deste novo modo de entender a constituição da sociedade. Para ele, custa recuperar e operacionalizar sociologicamente a ideia junguiana de *inconsciente coletivo* ou da *‘não-propriedade privada da mente’*, de que falava Wittgenstein. De tal modo, são prezadas as formas

simbólicas, imaginárias que formam o ‘eu coletivo’ dos grupos sociais.

Para desenvolver com toda força o argumento central do livro, Maffesoli dividiu os capítulos em quatro seções, intituladas: *I – Uma sensibilidade primitiva, II – A comunidade localizada, III – Do eu ao Self* e *IV – Apresentação das coisas.* Como interpretamos, estas seções estabelecem, sobretudo e respectivamente, uma ordem de aparecimento de assuntos: uma interpretação do que é o homem e a importância do imaginário para a vida social (*seção I*); a identificação do inconsciente coletivo que molda os indivíduos (*seção II*); a percepção da ‘vacuidade das instituições’ diante da constatação das novas vivências que formam os grupos ou tribos (*seção III*); a determinação e valorização de um pensamento radical em detrimento do pensamento crítico (*seção IV*). Na

atitude de resenhar e trazer a pertinência da obra ao leitor, apresentaremos a seguir estes assuntos relevantes.

Advindo especialmente de uma valorização da filosofia nietzschiana e da obra de G. Durand, Maffesoli compreende o horizonte do ser humano no mundo como dentro de uma inseparável associação entre razão e instinto. Este pilar filosófico o faz, em suma, contestar o ‘homem racional universal’ – que esquece o caráter plural e vivo do homem singular. Em “Ritmo da vida”, o autor quer demonstrar como este horizonte humano pôde mostrar as consequências para compreender as permanentes manifestações emocionais do arcaico, dos rituais, da nossa ‘libido sciendi’ etc. Mais ainda, quer tornar claro que, em meio ao nosso mundo informático, sob os intensos desenvolvimentos tecnológicos, que criam as redes informáticas de comunicação, encontramos-nos

na verdade sob crescentes desenvolvimentos de uma vida social regida por formações simbólicas – ritual, visual, acústico, sensorial – e daí a importância do imaginário para o estudo da sociedade hoje.

Ora, na pós-modernidade, a exacerbação do ‘retorno ao arcaico’ dá conteúdo e explicação a diferentes fenômenos: “rebeliões, revoltas, indiferenças políticas, importância da proximidade, valorização do território, sensibilidade ecológica, volta das tradições culturais e recurso aos medicamentos naturais, tudo isto –, e a lista poderia ser facilmente alongada – traduz a continuidade, tenacidade de um querer-viver individual e coletivo que não foi totalmente erradicado” (2007, p. 36).

A obra nos pondera sobre o tipo de ‘estatuto científico’ que prezamos, pois este reduziu à ‘alguma coisa’ a multiplicidade que compõe a ligação entre a teoria e a

vida. Valorizar os múltiplos imaginários; os ritos cotidianos que formam a sociedade; descrever as expressões estéticas do senso comum; apresentar o conhecimento intuitivo que dá coesão social a vida contemporânea: eis alguns motivos para um pensar que preza fundamentalmente a coerência e quer atingir uma *apresentação* da vida social – ao invés de uma *representação* –, isto é, um apresentar que torna agudas as percepções e descrições fenomenológicas, sem cair na valorização de uma exterioridade teórica que encerra o assunto.

Na identificação do inconsciente coletivo que molda os indivíduos, Maffesoli coloca em questão as concepções que generalizam o ‘individualismo metodológico’ na compreensão das sociedades contemporâneas. Para ele, é a *psique coletiva* – expressão onde o indivíduo é, acima de tudo,

determinado coletivamente – que satisfaz a ‘ligação ao Outro’ e, enfim, o imaginário que permeia o agir social. Vale o axioma: “Só somos alguém ou alguma coisa se os outros nos reconhece como tal”. Na *Seção II*, enfatiza-se como essa ligação é satisfeita dentro de uma *comunidade*. Assim, fica em pendência, obviamente, o lugar que tem a expressão ‘sociedade contemporânea’ que genericamente usamos agora a pouco.

Na explicação dos grupos sociais, a ideia de *ontogênese* – que destaca as identificações, devir, os diversos movimentos –, propõe substituir a ideia de *ontologia*, que cumpria explicar as noções de instituições e identidades. Com um pensamento ontogênico, pensa o autor, absorve-se melhor as empatias, alteridades que estão presentes e torna pertinente estudar. É deste pensamento que as

dualidades entre o indivíduo e coletividade (matéria e espírito, razão e emoção, mística e hedonismo) podem ser analisadas indissociavelmente.

Portanto, neste novo pensar sociológico, o entendimento das estruturas dinâmicas das emoções e das novas maneiras de ser são incutidas dentro do *retorno ao pré-reflexivo* (na ‘imemorial memória da experiência coletiva’), que o autor esclarece que recupera das tradições acadêmicas de C. Jung (com o conceito de arquétipo), E. Durkheim (figuras emblemáticas) e G. Durand (estruturas antropológicas).

Diante das vivências que formam os novos grupos sociais, Maffesoli expõe a fratura que se abre para a contestação, por exemplo, dos totalitarismos economicistas e das tradicionais ordens institucionais. Para ele, a consequência disto está no vácuo que é criado entre o

racionalizante vínculo social ‘cerebral’ das ordens institucionais e o vínculo social ‘carnal’, tribal e nomadista, das culturas das novas gerações. A contestação dos novos grupos sociais estaria na busca de um cotidiano que não seja homogêneo e estranho a si mesmo, isto é, perdido no valor utilitarista e da “denegação da existência em seu sentido pleno” (2007, p. 36). Ora, no olhar ‘desengajado’ deste autor, é preciso observar – escreve na *Seção III* –,

a *participação*, graças à qual o eu tende a perder-se no outro, ao mesmo tempo nele adquirindo um acréscimo de ser. Não mais o controle da natureza, mas uma soberania compartilhada através de um materialismo espiritual vivido coletivamente. (...) Está na hora de nos reconciliarmos com este mundo aqui. De não mais querer ‘libertá-lo’: de

que? do mal? do pecado? De não mais pretender obsessivamente resolver o enigma da vida. Mas aceitá-la pelo que ela é (2007, p. 166).

Na sociologia compreensiva de Maffesoli não há, portanto, a *crítica*? Não. Na verdade, proporá ele na última seção, deve-se investir em um pensamento radical que supere a atitude de ‘tranquilidade’ e ‘passividade’ que configura o pensamento crítico: o pensamento crítico “serve apenas para ‘contestar’ a ordem estabelecida. Na verdade, dá testemunho com esta ordem. ‘*Con-testare*’. Tem suas certezas e mantém-se obnubilado pelos valores que perteceram à modernidade ocidental” (2007, p. 196).

De tal modo, argumentando contra o conformismo que poderia ser acusado, o autor nota que somente um pensamento desinteressado e desengajado

poderia trazer a intranquilidade do ser, a dúvida, a abstenção moralista, apreendendo a densidade do vivido e o advento. Para o observar deste sociólogo, o resultado é a saturação da *consciência de si* (que instituiu o individualismo epistemológico); da *consciência de classe* (que instituiu a ação política); e da *consciência cidadã* (que instituiu o contrato social sob o ideal democrático); uma vez que sua sociologia compreensiva entende a pertinência contemporânea da *consciência espontânea* (aquela que institui o ideal comunitário; que destaca o instintivo, a consciência do Self; do grupo ou da tribo).

Em “*O ritmo da vida*” sobressae, muitas vezes, a percepção da insistência repetitiva, enfática e, no entanto, sempre renovada e desdobrada em várias facetas, do pensar maffesoliano. Esta é uma característica do livro e, talvez, sua maior força:

sua reflexão persistente resulta em riqueza intelectual inumerável. Não sem razões, ele sabe o valor indigesto da escrita que busca a ‘dose certa’, a martelada ideal, para um pensamento intempestivo se fazer ouvir e valer.

Podemos observar que quando Maffesoli nos diz –: “o tátil, o olfativo e o sonoro estão cada vez mais presentes na publicidade, no marketing (...). Tudo tende a frisar o sentimento comunitário de pertencimento, ou seja, o processo de implicação através do qual cada um de nós existe em função do outro” (2007, p. 121) –, é óbvio que uma indagação possível do pensamento crítico seria se este ‘otimismo’ não poderia ser facilmente transformado em pessimismo, ou pelo menos em algo problemático. Ora, publicidade e marketing do totalitarismo econômico estão apenas a serviço de nosso bem-estar? Este seria,

porventura, um debate que esta obra faz surgir.

Sem dúvida, o que salta aos olhos na perspectiva sociológica de Maffesoli é sua capacidade de abandonar as *causalidades extrínsecas* pré-definidas: teorias econômicas, culturais, religiosas ou políticas. Com variadas expressões, declara-se contra o ‘social sociológico’ que não tem mais condições de apreender a densidade do vivido. Salienta a ‘dérmarche amoroso da observação’, fugindo das ‘contextualizações absurdas’. No livro temos, enfim, a perspectiva sociológica *compreensiva* para estudo dos imaginários coletivos contemporâneos e do quanto um ‘materialismo espiritual’ está sendo hoje gestado e manifesta o inescapável território contemporâneo da sociologia das emoções.

Referência:

MAFFESOLI, Michel. 1998. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de*

massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ednei de Genaro

Emoções, Sociedade e Cultura em Koury: Uma resenha

Alessa Cristina P. de Souza

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, Sociedade e Cultura – A categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

O subtítulo do livro “Emoções, Sociedade e Cultura” já traduz muito bem a temática discutida nesta obra: as emoções como categoria de análise e objeto de investigação na Sociologia; ou seja, neste livro, Koury discute as emoções como categoria de entendimento

tanto do humano como da sociedade.

Desde o início do livro, o autor deixa claro que embora a sociologia das emoções tenha sua consolidação na década de 1970, momento em que as críticas ao modelo linear estrutural abrem espaço para a ênfase da subjetividade na construção do social, desde os clássicos já havia uma preocupação, mesmo que “oculta”, com as emoções.

Koury destaca também que sendo essa uma área de discussão em desenvolvimento, várias questões se mostram em aberto, e as contradições se fazem sempre presentes. Nesse sentido, o autor destaca que um grupo de estudiosos defende as emoções como mero constructo sócio-cultural, negando absolutamente a existência de qualquer individualidade do sujeito. Por outro lado, há autores que percebem as emoções como

fruto da relação entre indivíduo, sociedade e cultura.

Porém, segundo o autor, a sociologia das emoções, como disciplina, parte do pressuposto de que “as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade” (p.9).

A obra de Koury é fascinante! Além de uma introdução e uma conclusão, onde há uma discussão efetiva acerca das emoções como categoria de análise e objeto de estudo da sociologia, os capítulos: “A Sociologia das emoções e os clássicos”, “A Sociologia das emoções na atualidade” e, “A Sociologia das emoções no Brasil”, discutem de forma mais detalhada, como autores e obras ocidentais e brasileiros, há muito discutem elementos que nos remetem às emoções, direta ou indiretamente.

No primeiro capítulo “A Sociologia das emoções e os clássicos” Koury analisa como os autores que formataram a sociologia como ciência, e trataram a questão das emoções em suas análises. Segundo ele, “Durkheim coloca as emoções como um produto da sociedade” (p.14). Na discussão que esse clássico constrói sobre a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica fica clara a quebra dos laços comunitários e da homogeneidade da população, o que acaba por influenciar o “emocional” dos indivíduos nela relacionados.

Koury destaca também a análise marxista. Para Marx, a ação compreensiva dos indivíduos e suas emoções só poderiam ser alcançadas a partir da análise das classes sociais. Como coloca Koury: “Na análise marxista, as classes sociais fundam e caracterizam o indivíduo e suas emoções” (p.15).

Nesse sentido, Marx e Durkheim, embora partam de pressupostos analíticos diferenciados, ambos acreditam que o indivíduo social é formado a partir de uma exterioridade. Eles pensam o indivíduo social enquanto ser coletivo.

Porém, Koury ressalta que, há autores que percebem em “As Formas Elementares da Vida Religiosa” um avanço no modelo teórico-metodológico desenvolvido por Durkheim, pois, nesta obra, a categoria emoções aparece como subproduto de um social e de uma sociabilidade específica, devido à “descoberta” do simbólico na construção do social.

No entanto, Durkheim não desenvolve essa discussão, ficando a cargo do seu sobrinho, Marcel Mauss, aprofundar a categoria do simbólico enquanto elemento de configuração do social e, compreender as emoções como “parte de um emaranhado de configurações

produzidas e vividas por uma sociabilidade específica” (p.19).

Prosseguindo com a análise das emoções entre os autores clássicos da sociologia, Koury destaca o referencial teórico metodológico desenvolvido por Georg Simmel e Max Weber, que colocavam as emoções em um lugar central. Esses pensadores entendem que o social se constrói a partir das ações sociais, ações estas construídas por indivíduos relacionais. Nesse sentido, há uma oposição sempre constante entre a racionalidade e a subjetividade, porque esses autores “abordam o caráter social dos sentimentos, através da ênfase de que as formações sociais surgem das interações entre os indivíduos” (p.26), sendo motivadas por sentidos específicos. Para estes autores não existe uma determinação do e no social; a subjetividade faz-se presente como elemento

fundante na criação do social que, por sua vez, é resultado da interrelação entre a individualidade e a sociedade.

Ainda nesse capítulo, Koury nos surpreende quando analisa a obra de Gabriel Tarde, autor que vem sendo revisitado, a partir da década de 1990, como precursor da análise da subjetividade e das emoções na construção do social. Segundo Koury, sua obra tem como objetivo a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade através das relações intersíquicas, onde as ações sociais são vistas como “produtos das relações entre subjetividades, na sua forma comunicacional, que formam espaços de acomodação e resistência” (p.34). Nesse sentido, Tarde percebe o indivíduo como sendo supra-social, ou seja, anterior a sociedade, distanciando-se, assim, da perspectiva teórico-metodológica de Marx e Durkheim e instaurando outra forma de olhar o social, ao

resgatar a subjetividade e as emoções como elementos presentes e significantes dos indivíduos sociais e das suas interrelações.

Por fim, Koury cita a obra de Tönnies, como referência importante para a sociologia e a antropologia das emoções, embora o autor não desenvolva tal referência.

De forma geral, podemos dizer que, nesse primeiro capítulo, Koury mostra como os autores clássicos da Sociologia analisam, direta ou indiretamente, as emoções em suas análises acerca da sociedade industrial nascente, antecedendo, pois, o segundo capítulo, onde o autor busca mostrar que *“as tendências atuais com que vem se constituindo os alicerces da sociologia das emoções não se constitui como um campo novo e independente da tradição construída pela Sociologia, mas de beber das fontes que erigiram esta disciplina científica e mostrar que a questão da emoção*

atravessa a discussão das relações indivíduo e sociedade desde o início” (p. 43).

No segundo capítulo: “A Sociologia das emoções na atualidade”, o autor discute o campo disciplinar atual da sociologia das emoções, seu processo de formação e as tensões existentes nas análises entre as emoções e a sociedade. Para tanto, parte da sociologia norte americana e inglesa que se desenvolveu a partir da década de 1970, como crítica ao exame das estruturas e ao menosprezo pelo indivíduo e sua vida emocional, instaurado pelo estrutural-funcionalismo parsoniano no final da década de 1940. Nesse contexto a sociologia das emoções busca compreender os fenômenos emocionais como fenômenos sociológicos, buscando analisar como os fatores sociais influenciam na esfera emocional.

No entanto, o autor deixa claro que o desenvolvimento

dessa disciplina tem sido tênue e conflituoso, dividindo-se entre duas correntes teóricas e epistemológicas: as de cunho positivista e quantitativo – que percebem as emoções a partir dos aspectos biológicos e, as antipositivistas e qualitativas – que destacam os aspectos socioculturais e percebem as emoções a partir dos sentidos que os atores sociais atribuem a elas. Porém, Koury destaca que, embora os caminhos possam ser diversos, não há como negar que a sociologia das emoções desenvolveu-se sobremaneira dentro do cenário da Sociologia Americana e da Escola de Chicago que, por sua vez, foi fortemente influenciada pela teoria simmeliana e pela análise microsociológica.

O autor ressalta ainda que há uma corrente de pensadores contemporâneos, que pregam que as emoções como categoria e análise foi relegada a segundo plano

pelos clássicos, mesmo por aqueles que “supostamente” perceberam as emoções como um elemento social, tais como: Durkheim, Mead, Parsons, Simmel e Weber. Segundo essa corrente, mesmo Goffman, que conseguiu se aproximar de uma formulação conceitual das emoções, não conseguiu avançar nessa constituição.

Esse grupo de autores defende que foram Elias, Sennet e Lynd, autores que escreveram em momentos e seguindo caminhos distintos, que estabeleceram as emoções como objeto de estudo da sociologia. Isto porque eles se debruçaram sobre a análise de uma emoção específica, qual seja: a vergonha; desviando assim, a sociologia das emoções de uma análise cultural, abstrata e geral para uma análise específica e concreta. Segundo Koury, esse grupo de autores parte da perspectiva de que, o desenvolvimento da sociologia

das emoções “exige” uma análise mais aprofundada sobre emoções específicas, tendo em vista que, estas análises mais específicas e concretas possibilitariam uma melhor compreensão da relação entre as emoções e a sociedade.

Koury finaliza este capítulo dando ênfase às tensões existentes no campo da sociologia das emoções. Ressaltamos, porém, que estas tensões se tornam frutíferas para o desenvolvimento dessa disciplina, bem como, ressaltamos também, a riqueza de indicações bibliográficas e caminhos teórico-metodológicos destacados por Koury, para aqueles que têm pretensão de desenvolver estudos e pesquisas nessa área.

No terceiro e derradeiro capítulo, Koury analisa o desenvolvimento e a consolidação da sociologia das emoções no Brasil, começando seu recente

desenvolvimento e estruturação, que data da década de 1990. Porém, o autor ressalva que desde o final da década de 1930 autores discutem as emoções como elemento sócio-cultural nas ciências sociais brasileiras, não como objeto próprio, mas como problemática. Exemplo disso são as obras de Gilberto Freyre, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros.

Na década de 1970, os trabalhos desenvolvidos por Roberto DaMatta também enfatizaram as emoções. Koury ressalta que “nas discussões sobre o Brasil, DaMatta levanta hipóteses onde os sentimentos e suas formas de expressão no social perpassam a constituição do público e do privado brasileiro” (p.68).

Nesse contexto, o autor ressalta também a contribuição dos estudos e pesquisas desenvolvidos por Gilberto Velho sobre a classe

média no Brasil urbano contemporâneo. Nestes, segundo Koury, ele “discute a emergência do indivíduo psicológico no Brasil urbano, e o individualismo crescente nas camadas médias urbanas das grandes metrópoles” (p.70). Discutindo, pois, a tensa relação que se estabelece entre os indivíduos e a cultura, entre projetos individuais e coletivos, ou seja, entre a subjetividade e a sociabilidade, Koury coloca que há nos trabalhos de Velho uma preocupação recorrente com a relação existente entre as emoções, a cultura e a sociedade, o que faz com que ele seja considerado um dos precursores da sociologia das emoções no Brasil.

Koury destaca ainda as pesquisas realizadas por Luis Fernando Dias Duarte sobre as relações entre a subjetividade e a cultura na emergência do indivíduo na sociedade brasileira contemporânea, bem como

outros trabalhos onde ele analisa emoções específicas, e nos mais recentes, onde ele se debruça sobre o sofrimento social e as questões relativas ao corpo e a sexualidade.

Koury prossegue ressaltando estudos que correlacionam temáticas como: gênero e profissão e gênero e envelhecimento. Mas, destaca que a sociologia das emoções vem sendo trabalhada, de forma mais direta e específica por grupos de pesquisa que se situam na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Na UERJ o Grupo de Pesquisa Transformações da Intimidade, coordenado por Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho vem se debruçando sobre a compreensão da subjetividade, do corpo e das emoções nas ciências sociais, desde 1998.

Porém, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, desde 1993

vem desenvolvendo pesquisas no campo da sociologia e da antropologia das emoções. Em 1994/95 ele criou dois grupos de pesquisas, o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM), e o Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem (GREI), respectivamente. Ambos estão vinculados a UFPB e ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e segundo autor do livro e coordenador dos grupos, eles “buscam analisar a emergência da individualidade e do individualismo no Brasil contemporâneo” (p.76). O GREM, enfatizando estudos sobre emoções específicas como o medo, por exemplo; e o GREI enfatizando análises de imagens, principalmente fotográficas, que retratem a cultura brasileira contemporânea. O autor acrescenta ainda que, buscando consolidar esse campo disciplinar, o GREM

publica a RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, desde o ano de 2002.

O próprio Koury destaca três vertentes sobre as quais o GREM e o GREI lançam seus olhares. A primeira delas destaca a relação entre luto e sociabilidade; a segunda, busca aprofundar a relação entre a imagem e as formas de sociabilidade e a terceira, destaca a relação entre os medos e a cidade.

Koury vem ainda se debruçando, junto com Cristina Barreto, sobre estudos que buscam compreender o discurso de naturalização e banalização do sofrimento na sociedade brasileira contemporânea, estudos estes que parecem compor uma quarta vertente de análise, que lança seu olhar sobre a temática mais específica do sofrimento social.

Por fim, para concluir esse balanço acerca da Sociologia das Emoções no Brasil, Koury destaca ainda

os trabalhos de Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Maria Cristina Gonçalves Giacomazzi sobre a relação entre os medos e a cidade, em Porto Alegre.

Como já mencionado, o livro de Koury tem como objetivo localizar a sociologia das emoções como campo disciplinar das ciências sociais, mais especificamente, da sociologia. No entanto, a preocupação de Koury ultrapassa a construção de um estado da arte da sociologia das emoções, e isso é perceptível ao longo de todo o livro, quando ele faz questão de discutir teórico-metodologicamente cada autor e cada perspectiva, bem como quando ele se preocupa em deixar claro o conceito de emoção como uma categoria analítica da sociologia, que ele resume, na conclusão da seguinte forma:

“uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a

outros e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinada” (p.84).

Assim, o autor ressalva que, embora a sociologia das emoções seja um campo disciplinar ainda em período de desenvolvimento e maturação, ela incorpora elementos fundamentais à reflexão sociológica, como a subjetividade; e, este livro, mostra-se imprescindível àqueles que se interessam não só pela sociologia das emoções, mas pela sociologia, de modo geral, contemporaneamente.

Alessa Cristina P. de Souza